

Suplemento Cultural

Feira Literária de Bonito – FLIB: majestosa e panorâmica amostra da nossa Cultura Regional

GERALDO RAMON PEREIRA

O que em princípio – e até pela sigla FLIB – seria apenas mais uma congregação de escritores com o objetivo precípua de expor seus livros, transformou-se de repente numa magnífica e memorável feira de artes em geral: música, declamações, apresentações teatrais, enfim, performances as mais variadas desfilaram aos olhos extasiados de espectadores procedentes dos mais diversos rincões sul-mato-grossenses e outros. Tudo impregnado da atmosfera paradisíaca da turística cidade de Bonito/MS, engalanada para e pelo acontecimento.

Diversos escritores da nossa capital fizeram-se presentes, inclusive membros da ASL (não citarei nomes para não pecar por omissões), e muitos buscaram vaziar suas emoções em textos que retratassem um pouco do tudo que se passou naqueles marcantes dias 8, 9, 10 e 11 de julho/2015. E, dentre as descrições veiculadas na mídia, uma impressionou-me sobremaneira, tanto pela abrangência ampla e fidedigna dos fatos, como pela riqueza estilística e es-

tética da envolvente redação. Sua autora é a nossa conhecida ativista cultural, escritora, poeta e educadora Sylvia Odinei Cesco, hábil em fazer literatura com graciosa singeleza, como bem o demonstra o aludido texto, transcrito a seguir:

“FLIB: ‘NÃO SE ECONOMIZEM! NÃO SE ECONOMIZEM!’ (Elisa Lucinda, poeta, mulher, atriz, jornalista, professora e cantora, nascida sob o signo de Aquário, lá em Vitória, Espírito Santo).

O que escrever sobre a FLIB – Feira Literária de Bonito, mas que também pode ser traduzida por Fonte Inesgotável de Beleza? Pois foi assim mesmo que eu, Sylvia, e outros amigos que por lá estiveram a sentimos. Gorjeios e explosões de risos, de lágrimas e cores, a cada instante, nos surpreendendo, nos invadindo, chegando a pé, de ônibus ou pela bicicleta de Emmanuel Marinho, se derramando pendurados pelas árvores da Praça Liberdade. Homens e mulheres voltando a ser crianças em mágicas e mágistras apresentações do Grupo Teatral Circo do Mato. (Meu Deus, que gente!

ZÉ ENRIQUE GUIMARÃES



POETA MANOEL DE BARROS – homenageado pela FLIB

Que gente, esses circenses! Plantaebicho tudo junto em suas humanas corcundas... E são nossos! São daqui, do Pantanal cerradense!!!. Crianças grandes e pequenas, brincando de roda e ouvindo histórias contadas maravilhosamente pela Fernanda, Nancy, Rose, Larissa, Allana... Uma praça cheia ouvindo as Saudações Pantaneiras na voz inconfundível e maravilhosa de Geraldo Espíndola, se autodesvirginando, uma

vez mais, pela própria viola ou pelo violão de Marcelo Loureiro... Ouvindo atentamente Lenilde Ramos, a mulher com voz de sussurros de borboletas e gritos de araras. Ter possibilidade de conhecer um cadinho mais do fantástico Caçuá do Poeta inigualável, Paulo Robson, dos incríveis contos lipoaspirados de Elias Borges... Rever a querida e sensível poeta Janet Zimmerman, meu ex-aluno Isaac, nossa, tanta, tanta gente querida... Ver-nos – Homens e Mulheres – de boca aberta e queixo caído, em respeitoso silêncio às interpretações da genial Elisa Lucinda, enquanto nos derramávamos em cachoeiras de lágrimas, (por dentro ou por fora, a depender do nível das capacidades de conter emoções), diante de seus gemidos de dor, sussurros de amor ou brados de revolta ou alegria, a incentivar o povo – ‘NÃO SE ECONOMIZEM! NÃO SE ECONOMIZEM’. É isso a que veio a FLIB, Feira Literária de Bonito: pra nos despertar e propor que não sejamos econômicos em nossos Sentimentos, em nossa Fome de Vida, em nossos Desejos de Beleza, coisas que somente a Arte, seja ela cantada, dançada,

“

É isso a que veio a FLIB, Feira Literária de Bonito: pra nos despertar e propor que não sejamos econômicos em nossos Sentimentos, em nossa Fome de Vida, em nossos Desejos de Beleza (Sylvia Cesco)”

tocada, falada, pintada ou escrita, pode nos fazer e nos salvar...E quando todas elas vêm anunciadas por Ruberval Cunha e registradas pela sua querida Delbia, aí, sim, tudo fica por demais de lindo. No mais, é agradecer, nem que seja apenas no olhar, no toque leve de mãos, aos seus idealizadores, organizadores, patrocinadores, todos FAZEDORES DE AMANHECER, e que foram muitos, sei. Mas registro pelo menos os nomes de Carlos Porto, Vânia Murgart e Maria Adélia Menegazzo. Bom Dia. Bonita Semana.”

MONTEIRO LOBATO

ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO

O grande escritor paulista foi, na minha adolescência, uma das personalidades que eu mais admirei e cuja literatura eu considerei apaixonante, pelo estilo, pela originalidade e pelo destemor e coragem.

Nasceu ele em Taubaté (SP) no dia 18 de abril de 1882. Filho de José Bento Marcondes Lobato e D. Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Neto do Visconde de Tremembé. Recebeu o nome de José Bento Monteiro Lobato.

Formou-se em Direito na famosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, as famosas Arcadas.

Advogou pouco e foi nomeado Promotor Público de Areias (SP).

Sua vivência naquela cidade proporcionou-lhe material para escrever “As Cidades Mortas” e “Contos Leves”. Era leitor de toda a literatura do mundo, a francesa, a inglesa, a portuguesa, a russa, etc. Como admirava bastante os contos de Maupassant, escreveu alguns no estilo do grande autor francês. Contos deliciosos como “O Fígado

Indiscreto”, “O Romance do Chopim”, “O Espião Alemão”, “A Cruz de Ouro”, “As Fitas da Vida”.

Foi um grande criador de personagens, dos quais o primeiro foi o Jeca Tatu, figura representativa de um caipira atrasado para quem nada vale a pena fazer. Depois, com o tempo, vieram os personagens da literatura infantil – Pedrinho, Narizinho, Emília, D. Benta, Tia Nastácia e muitas outras, como o Visconde de Sabugosa.

Lobato, infelizmente, candidatou-se duas vezes à Academia Brasileira de Letras, mas não foi eleito.

Lutou para implantar no Brasil as indústrias do Petróleo e do Aço, mas não logrou sucesso. Os fados se opu-

seram aos seus desígnios inclusive no que se refere à editoração de livros. Uma seca em São Paulo foi responsável pela sua falência (Cia. Editora Nacional).

Foi ele quem criou o slogan: “Um país se faz com homens e com livros”.

E foi ele também quem introduziu no comércio de livros o reembolso postal.

Antes de enveredar-se pela literatura ele pretendia ser pintor, mas o fracasso na diferenciação entre aquarela e pintura a óleo levava-o a consagrar-se à literatura onde se tornou um excelente paisagista e um não menos excelente na descrição de personalidades e suas características psicológicas.

Lobato foi também um grande tradutor. Muitas obras importantes e célebres puderam se tornar conhecidas dos brasileiros graças ao seu incansável trabalho de tradutor.

Faleceu em São Paulo em 4 de julho de 1948, e, na véspera, irônico e brincalhão como sempre, em resposta a um cidadão que pretendia visitá-lo em sua casa no dia seguinte, disse:

– Amanhã, em minha casa? Não pode ser. Encontrará apenas um cadáver. Depois acrescentou:
– Meu cavalo está cansado, querendo cova. E o cavaleiro tem muita curiosidade em verificar, pessoalmente, se a morte é vírgula, ponto e vírgula ou ponto final.

VACARIA

NELLY MARTINS

A origem desse nome Vacaria não se pode dizer que é real. Há várias versões.

Mário M. de Almeida deixa sentir que foram mesmo os irmãos Barbosa e Gabriel que, ao encontrarem essa bela região, denominaram-na Vacaria. Diz ele: Gabriel, “... O desbravador, nos derradeiros meses do ano galgou ainda mais as alturas da serraria para descortinar panorama empolgante dos campos da Vacaria... E foi uma surpreendente revelação.”

Vejamos a caminhada de Gabriel, segundo Virgílio Corrêa Filho: “... na encantadora paisagem... os pastos nativos do mimoso miúdo e do capim branco felpudo onde pasciam algumas dezenas de reses... todas cara-

cus... e descobri em um ribeirão denominado Vacaria, vestígios de uma tapera...” supostamente de um padre que fugia dos índios. “... Ao perceberem os cavaleiros as reses trotaram ao seu encontro bisonhas, como os cervos antes que os persiga uma vez o caçador...”

Esses depoimentos indicam que seriam mesmo eles os primeiros que ali chegaram.

Já no “Os Irmãos Leme” de Paulo Setúbal lê-se: “Certa bandeira paulista metera-se pelo sertão adentro à cata de índios...”

Após grande caminhada “... aranchara-se nos campos da Vacaria. Eis que surge naqueles campos, inesperadamente, grossa companhia de castelhanos...” Querem que os nossos confessem “... ser aquele sertão da Vacaria todo da conquista e do domí-

nio de el-Rei de Hespanha...” comenta Pedro Taques.

Ante a reação corajosa e violenta de Pedro Leme os espanhóis recolhem-se. “... e no outro dia, ao romper do sol têm os bandeirantes esta surpresa: os castelhanos, abandonando o pouso, haviam fugido todos durante a noite... Assim... os chãos da Vacaria ficaram por direito de posse, pertencendo legitimamente a Portugal. São hoje parte integrante do Brasil”.

Já na “Geografia Brasileira”, de Aires de Casal, se lê: “O centro da parte setentrional desta província (Mato Grosso) é designado, nos roteiros sertanistas e cartas, com o nome de Vacaria por causa do gado vacum que ali ficou disperso...”

Como esses fatos se deram nos anos de 1700, esse pedaço do Brasil já deveria chamar-se Vacaria muito antes da vinda dos Barbosas, no século dezenove.

POESIAS

BANDA BORORO

A banda bororo

vai cantando

vai tocando

devagarinho...

A banda bororo

toca a vida

e a doce flauta na surdina

e imagina o dia de voltar...

A banda bororo

vai sorrindo

vai chorando

um chorinho alegrinho...

Assim:

O sorriso que você vê

É o chorinho que você não vê

A melodia que você ouve

é a falta que você faz

LÉLIA RITA DE FIGUEIREDO

FETICHE DA PALAVRA

não é toque

é imagem

não é somente imaginário

é código e codinome

ponte e horizonte...

necessidade que finge ser finita

mas não necessita de tato

e alonga-se de fato...

não é pouso reto
nem plumagem de concreto
é transfiguração e indomável voo
passeio e passagem
movimento novo e vibração
plenitude de pássaro...

não tem sossego
nem gosto de sal que se dilui
ao odor intruso de frituras
[sacia sem culpa]
e renova a disciplina rebelde
das inquietações...

não é trato da lógica
é substrato...
– substância poética

incessante valsa
de retinas e mistérios azuis...

RUBENIO MARCELO

O fim do Mundo

JORGE ANTONIO SIUFI

Do sol causticante, da angustiante canícula, como que num passe de mágica, sem ninguém sequer esperar, o céu tornou-se nublado, negro, os trovões começaram a sacudir a cidade – e por que não dizer? – o mundo todo.

Começou a chover violentamente. O frio irrompeu de inopino. A chuva era intermitente e, engraçado, parecia que as águas caíam aos borbotões, como se um rio ou um verdadeiro oceano se derramasse sobre a gente.

De repente o chão abriu-se em fendas horrorosas. O povo assustado,

apanhado de surpresa, era tragado por aquelas fendas quando corria para se abrigar.

A casa onde me encontrava, desabou. Dos escombros, via as outras casas irem por terra. Olhei o céu. Vi, por incrível que possa parecer, a face do Senhor, que assistia impassível, ao lado de São Pedro, aquilo que logo pressenti ser o fim do mundo, eis que já estávamos agora sendo levados todos para um grande descampado, onde o mundo inteiro já se encontrava.

Debatia-me para escapar do caudal grandioso, tentando safar-me. Oh, ledo engano! Por mais que me esforçasse, procurando uma tábua

de salvação, nada conseguia quando, por inteiro milagre, naquelas vagas do dilúvio, passa uma copa de árvore, completamente ramada.

Agarrei-me a ela com todas as minhas forças, quando levei um tremendo safanão de minha mulher que dizia:

– Quer fazer o favor de largar meus cabelos e parar de pular na cama?

Acordando, ainda aos sobressaltos, suspirei aliviado, pedi desculpas à minha cara-metade, levantei-me, fui à cozinha, tomei um sal de frutas, dei uma batidinha na barriga e disse com meus botões:

– Nunca mais como feijoada à noite...